

ERIN BEATY

O BEIJO  
FRAIÇOEIRO

Tradução

GUILHERME MIRANDA

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2017 by Erin Beaty

Publicado mediante acordo com o Macmillan Children's Publishing Group.

Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Traitor's Kiss

CAPA E ILUSTRAÇÃO DE CAPA Rafael Nobre

MAPA Maxime Plasse/ Imprint

PREPARAÇÃO Lúgia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Érica Borges Correa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Beaty, Erin

O beijo traiçoeiro / Erin Beaty ; tradução Guilherme  
Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2017.

Título original: The Traitor's Kiss.

ISBN 978-85-5534-049-9

1. Ficção juvenil I. Título.

---

17-06586

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@sequinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinte



editoraseguinteoficial

*Para Michael, primeiro e último.*  
*E para Ele: Fiat voluntas tua in omnibus.*

# 1

TIO WILLIAM TINHA VOLTADO MAIS DE UMA HORA ANTES, mas ainda não a havia chamado.

Sage estava sentada à mesa da sala de aula, tentando não ficar inquieta. Jonathan nunca parava quieto nas aulas dela, fosse por tédio ou raiva de que uma menina poucos anos mais velha fosse sua professora. Sage não ligava, mas não daria motivo para que zombasse dela. Agora, ele estava debruçado sobre o mapa de Demora, escrevendo as legendas. Ele só se esforçava quando os irmãos tinham tarefas parecidas que poderiam ser comparadas à dele. Sage havia feito essa descoberta logo de início e a usava como arma contra sua desobediência.

Ela cerrou o punho para não tamborilar na mesa enquanto voltava os olhos para a janela. Os criados e serviçais andavam de um lado para o outro no pátio, tirando o pó de tapetes e estocando feno para o inverno que se aproximava. Seus movimentos se juntavam ao rangido constante das carroças carregadas de grãos que ecoavam da estrada, criando um ritmo que normalmente a tranquilizava, mas não naquele dia. Lord Broadmoor havia partido pela manhã para a colina Garland para um compromisso misterioso. Quando seu cavalo passou pelo portão da mansão senhorial no começo da tarde, seu tio jogara as rédeas para o cavaliário enquanto lançava um olhar esnobe para a janela da sala de aula.

Foi então que ela soube que era algo relacionado a ela.

Ele tinha ficado fora por tempo suficiente para ter passado uma hora na cidade, o que era um tanto quanto lisonjeador. Alguém havia concordado em admiti-la como aprendiz — talvez a loja de ervas, o fabricante de velas ou o tecelão. Ela até varreria o chão da ferraria se fosse preciso. E poderia ficar com seu salário. A maioria das meninas que trabalhavam tinha de sustentar um orfanato de freiras ou a família, mas os Broadmoor não precisavam de dinheiro, e Sage mais do que pagava por sua estadia trabalhando como tutora.

Ela lançou um olhar para a grande mesa de carvalho onde Aster estava concentrada em seu mapa, os olhos estreitos em concentração enquanto os dedos roliços seguravam o lápis de cor sem muita habilidade. Amarelo para Crescera, a região cerealista de Demora, onde Sage havia passado toda a vida, circulando apenas dentro de um raio de oitenta quilômetros. Enquanto a menina de cinco anos trocava o lápis amarelo pelo verde, a tutora tentou calcular quanto precisaria economizar para considerar partir, e para onde iria.

Ela sorriu quando seu olhar vagou para o mapa pendurado na parede oposta. Montanhas que tocavam as nuvens. Oceanos que não tinham fim. Cidades que zumbiam feito colmeias.

Qualquer lugar.

Tio William queria se livrar de Sage tanto quanto ela queria partir.

Então por que não a tinha chamado ainda?

Ela estava cansada de esperar. Inclinou-se na cadeira e folheou os papéis empilhados diante dela. Era tanto papel que chegava a ser um desperdício, mas era um símbolo de status que tio William podia proporcionar a seus filhos. Foram raras as vezes em que Sage teve coragem de jogar algum fora, mesmo depois de quatro anos morando ali. De uma pilha de livros, tirou um volume enxuto de

história a que não dava atenção fazia mais de uma semana. Ela levantou e enfiou o livro embaixo do braço.

—Volto em alguns minutos.

As três crianças mais velhas ergueram os olhos e retornaram à tarefa sem comentar nada, mas os olhos azul-escuros de Aster seguiram todos os movimentos da tutora. Sage tentou ignorar o nó de culpa se formando em seu estômago. Tornar-se aprendiz significava deixar sua prima predileta para trás, mas Aster não precisava mais dos seus cuidados. Tia Braelaura amava a menina como se fosse sua própria filha.

Sage saiu rápido da sala, fechando a porta atrás de si. Na biblioteca, parou para ajeitar os fios de cabelo que haviam escapado da trança em caracol e torceu para ficarem no lugar durante os próximos quinze minutos. Em seguida, endireitou os ombros e respirou fundo. De tão ansiosa, bateu mais forte do que pretendia, e o som brusco a fez se retrair.

— Entre.

Ela abriu a porta pesada e deu dois passos à frente antes de se curvar numa reverência.

— Perdoe a interrupção, tio, mas eu precisava devolver isto. — Ela ergueu o livro e, de repente, sua justificativa pareceu insuficiente. — E buscar outro para, hum, a aula.

Tio William tirou os olhos da meia dúzia de pergaminhos espalhados sobre a mesa. Uma espada reluzente pendurada no cinto de couro chegava até o encosto da cadeira. Ridículo. Ele carregava aquilo como se fosse um protetor do reino, mas tudo o que significava era que havia feito a viagem de dois meses de ida e volta até a capital de Tennegol e jurado lealdade diante da corte real. Ela duvidava que, um dia, seu tio encontrasse algo mais ameaçador do que um mendigo agressivo, embora a barriga crescente definitivamente fosse uma ameaça ao cinto. Sage cerrou os dentes e conti-

nuou abaixada até ele dizer alguma coisa. Tio William gostava de demorar, como se ela precisasse ser lembrada de que ele mandava em sua vida.

— Sim, entre — ele disse, parecendo contente. Seu cabelo ainda acusava os efeitos do vento durante a cavalgada, e ele não havia tirado o gibão de hipismo empoeirado, o que significava que o que quer que estivesse acontecendo estava acontecendo rápido. Ela se empertigou e tentou não olhar para o tio com expectativa.

Ele pousou a pena na mesa e acenou.

— Sage, venha aqui, por favor.

Era hora. Ela atravessou a sala quase correndo. Parou diante da mesa enquanto ele dobrava um dos papéis. Um olhar de esguelha disse a ela que eram cartas pessoais, o que lhe pareceu estranho. Ele estava tão contente de vê-la partir que já estava contando para os amigos? E por que contaria a alguém antes de contar a ela?

— Pois não, tio?

— Você fez dezesseis anos na última primavera. Está na hora de tomarmos uma decisão sobre seu futuro.

Sage apertou o livro e limitou sua reação a um aceno de cabeça entusiasmado.

Ele afagou o bigode escuro e limpou a garganta.

— Por isso, providenciei sua avaliação com Darnessa Rodelle...

— *O quê?* — Casamenteira era a única profissão que ela não havia considerado, a única que realmente odiava. — Não quero ser...

Sage se interrompeu, entendendo de repente o que ele queria dizer. O livro escorregou de suas mãos e caiu aberto no chão.

— O senhor quer que eu *case*?

Tio William fez que sim, visivelmente satisfeito.

— Sim, a srta. Rodelle está concentrada no Concordium do próximo verão, mas expliquei que compreendemos totalmente que pode levar anos até encontrar alguém disposto a casar com você.

Mesmo com os rodeios da frase, o insulto a acertou feito um soco na barriga, tirando seu ar.

Ele apontou a mão manchada de tinta para as cartas à sua frente.

— Já estou escrevendo para rapazes que conheço, convidando-os para visitas. Com sorte, algum vai admirar você o bastante para perguntar a opinião da srta. Rodelle. A decisão é dela, mas não custa nada dar uma mãozinha.

Sage ficou sem palavras. A maior casamenteira da região só aceitava candidatas nobres, ricas ou extraordinárias. Ela não era nada disso.

— Mas por que ela me aceitou?

— Porque você está sob os meus cuidados. — Com um sorriso no rosto, tio William cruzou as mãos sobre a mesa. — Talvez a gente consiga tirar algum proveito da sua situação, afinal.

Moral da história: ele esperava que Sage ficasse *grata*. Grata por se casar com um homem que mal conhecia. Grata por seus pais, que haviam se casado por escolha própria, não estarem vivos para se opor.

— A srta. Rodelle tem capacidade suficiente para encontrar alguém sem objeções à sua... origem.

Sage ergueu a cabeça de repente. O que havia de errado em sua vida de antes? Sem dúvida era mais feliz naquela época.

— É uma grande honra — ele continuou —, especialmente considerando como ela anda ocupada, mas eu a convenci de que suas qualidades acadêmicas a elevam além do seu berço.

*Seu berço*. Ele falava como se fosse uma vergonha ter nascido plebeia. Como se o próprio tio não tivesse se casado com uma plebeia. Como se fosse errado ter pais que haviam escolhido um ao outro.

Como se ele não tivesse desrespeitado publicamente seus próprios votos matrimoniais.

Sage sorriu para ele com desprezo.

— Sim, vai ser uma honra ter um marido tão fiel quanto o senhor.

Tio William ficou duro. O semblante condescendente se distorceu, deixando algo muito mais repulsivo transparecer. Sage gostou de ver aquilo, lhe deu forças para continuar. A voz dele tremeu com uma fúria que mal conseguia conter.

— Como você ousa...

— Ou a fidelidade só deve ser esperada da esposa de um nobre? — ela perguntou. Ah, a fúria dele era maravilhosa. Alimentava a dela como o vento num incêndio na floresta.

— Não vou levar sermão de uma criança...

— Não, o senhor prefere dar exemplo aos outros. — Ela apontou para as cartas dobradas entre eles. — Tenho certeza de que seus amigos sabem onde buscar lições.

Isso o fez levantar, aos berros:

— Lembre-se do seu lugar, Sage Fowler!

— Conheço muito bem o meu lugar! — ela retrucou. — É impossível esquecer nesta casa! — Meses se segurando a fizeram desabafar. Ele a havia tentado com a possibilidade de deixá-la partir, dar a ela uma vida longe de sua guarda, para em seguida arrastá-la para um casamento arranjado. Sage cerrou os punhos e se inclinou sobre a mesa, na direção dele. Tio William nunca havia batido nela, nem uma vez em todos os anos em que a sobrinha o afrontara, mas Sage tampouco o provocara tanto em tão pouco tempo.

Quando ele finalmente falou, foi com os dentes cerrados.

— Você me desonra, sobrinha. Deve-me respeito. Seus pais estariam envergonhados.

Ela duvidava disso. Não depois de tudo o que tinham sofrido por ter feito a própria escolha. Sage cravou as unhas nas palmas das mãos.

— EU NÃO VOU.

— Vai sim — ele disse com uma voz fria para rebater o calor dela. — E vai causar uma boa impressão. — Tio William voltou a sentar com o ar majestoso e condescendente que Sage tanto odiava. Pegou a pena e, com a outra mão, dispensou-a com um gesto displicente. — Pode sair agora. Sua tia vai cuidar dos preparativos.

Ele sempre fazia isso. Sempre a dispensava. Sage queria fazer com que ele prestasse atenção, queria pular por cima da mesa, enchê-lo de pancadas como se fosse um saco de areia no celeiro. Mas desse comportamento, *sim*, seu pai teria vergonha.

Sem fazer reverência nenhuma, ela deu as costas e saiu batendo a porta. Assim que chegou ao corredor, desatou a correr, passando por uma multidão de pessoas carregando baús e cestos, sem se importar com quem eram ou por que tinham aparecido de repente na mansão.

A única dúvida na cabeça dela era aonde conseguiria chegar antes de o sol se pôr.

## 2

SAGE BATEU A PORTA DO QUARTO com um estrondo gratificante e foi até o guarda-roupa alto no canto. Abriu as portas com tudo e o revirou em busca da bolsa no fundo. Seus dedos encontraram a lona áspera no escuro, reconhecendo-a imediatamente mesmo sem ter sido usada em anos. Ela a tirou para examiná-la. As correias ainda estavam firmes; não encontrou nenhum buraco roído por ratos.

Ainda tinha o cheiro dele. Do unguento de sebo e resina de pinheiro que seu pai preparava para cortes e arranhões. Passava-o tanto nela como nos pássaros que treinava. Sage fechou os olhos. Seu pai colocaria um fim naquilo. Não: nunca teria deixado que começasse. Mas seu pai estava morto.

Seu pai estava morto, o que a deixava presa ao destino de que ele sempre havia prometido protegê-la.

A porta se abriu, pegando-a de surpresa, mas era apenas tia Braelaura, vindo apaziguar a situação, como sempre. Bom, dessa vez não funcionaria. Sage enfiou as roupas na bolsa, começando pela calça que usava em seus passeios na floresta.

— Estou indo embora — ela gritou por cima do ombro.

— Percebi — a tia respondeu. — Falei para o William que você não aceitaria bem.

Sage virou para ela.

— Você *sabia*? Por que não me disse nada?

Os olhos de Braelaura se enrugaram um pouco, com ironia.

— Para ser sincera, não achei que ele fosse conseguir. Não vi motivo para chatear você com algo tão improvável.

Nem sua tia achava que ela fosse arranjar marido. Sage não queria um, mas nem por isso era menos insultante. Voltou para suas malas.

— Aonde você vai?

— Não importa.

— Acha que vai ser melhor do que da última vez?

Claro que ela diria aquilo. Furiosa, Sage enfiou mais algumas meias na bolsa. Seriam necessárias; as noites estavam ficando frias.

— Isso foi há anos. Agora sei me virar sozinha.

— Tenho certeza que sim. — Tão calma. Tão racional. — Como vai comer?

Em resposta, Sage pegou o estilingue sobre uma pilha de livros, enrolou-o dramaticamente e enfiou no bolso da saia. Argh! Ela teria que se trocar antes de partir.

Braelaura ergueu as sobrancelhas.

— Esquilos? Que delícia. — Fez uma pausa. — À disposição o inverno todo.

— Vou arranjar trabalho.

— E se não arranjar?

— Vou viajar até encontrar um.

Ela devia ter parecido séria, porque o tom de voz da tia mudou.

— É perigoso lá fora para uma garota sozinha.

Sage bufou para esconder sua apreensão crescente. Ela já havia vagado pelo interior por anos ao lado do pai e conhecia muito bem os perigos — animais ou humanos — que poderia enfrentar.

— Pelo menos não vou ser obrigada a casar com alguém que nem conheço.

— Você fala isso como se as casamenteiras não soubessem o que fazem.

— A srta. Rodelle sem dúvida encontrou o melhor casamento para você — Sage disse, sarcástica.

— Sim, encontrou — Braelaura concordou, tranquila.

Sage virou, boquiaberta.

— Você não pode estar falando sério. — Todo mundo sabia o que Aster era. Seu nome, derivado de uma planta, declarava ilegitimidade para o mundo. A garota não tinha culpa de sua origem, mas Sage não conseguia entender por que Braelaura perdoara o marido.

— Casamento não é algo simples nem fácil — Braelaura disse. — Até seus pais aprenderam isso no pouco tempo que tiveram.

Talvez ela estivesse certa, mas o amor deles tinha sido simples, então casar também deveria ter sido fácil. Em vez disso, sua mãe fora expulsa de casa e marginalizada por metade da aldeia. Mas, para eles, tudo tinha valido a pena para ficarem juntos.

— Do que exatamente você tem medo? — Braelaura perguntou.

— Não tenho medo de nada — Sage retrucou.

— Acha mesmo que William vai entregar você a alguém que a maltrate?

Não, ela não achava, mas Sage voltou a fazer as malas para não ter de responder. Tio William havia cavalgado por um dia e uma noite para buscá-la assim que soubera da morte de seu pai. Quando ela fugira alguns meses depois, ele a procurara por dias até encontrá-la no fundo de uma ribanceira, machucada e com frio demais para conseguir sair dali. Não havia dito uma palavra de repreensão, apenas a pegara no colo e a levava para casa.

Uma voz dentro dela sussurrou que aquele casamento seria uma honra, um presente. Tornaria Sage parte de uma família, não apenas uma parente pobre que o tio era obrigado a sustentar. Era o melhor que ele tinha a oferecer.

Seria muito mais fácil se ela conseguisse odiá-lo.

Sage sentiu a mão de sua tia em seu ombro e ficou rígida.

— Ele deve ter pagado um bom dinheiro para ela me aceitar.

— Não vou negar isso. — O sorriso de Braelaura se revelou em sua voz. — Mas a srta. Rodelle não teria aceitado se não visse potencial. — Ela tirou alguns fios de cabelo do rosto de Sage. — Acha que não está preparada? Não é tão difícil quanto pensa.

— A entrevista ou o casamento? — Sage se recusava a relaxar.

— As duas coisas. — Braelaura disse. — Você só tem que se apresentar na entrevista. Quanto ao casamento...

— Meu pai me explicou de onde vêm os bebês. — Sage corou.

Braelaura continuou como se não tivesse sido interrompida.

— Faz anos que ensino você a cuidar de uma casa, se é que não percebeu. Você se virou muito bem na última primavera, quando adoeci. William ficou muito satisfeito. — Ela baixou a mão para acariciar as costas de Sage. — Você pode ter um lar confortável e filhos. Seria tão ruim assim?

Sage sentiu que estava relaxando sob o carinho tranquilizador. Um lar para chamar de seu. Longe daquela casa. Ainda que, para ser sincera, não era tanto o lugar que odiava, mas as lembranças.

— A srta. Rodelle vai encontrar um homem que precisa de alguém como você — Braelaura disse. — Ela é a melhor nesse ramo.

— Tio William disse que pode levar anos.

— Pode mesmo — a tia concordou. — Mais um motivo para não se deixar levar pelas emoções agora.

Sage colocou a bolsa de volta no guarda-roupa, sentindo-se derrotada.

Braelaura ficou na ponta dos pés para beijar seu rosto.

— Vou estar do seu lado em todos os momentos, no lugar da sua mãe.

Como a tia quase nunca mencionava sua mãe, Sage quis fazer

perguntas antes que ela mudasse de assunto, mas Hannah, a filha de doze anos de Braelaura, entrou de repente no quarto, com os cachos loiros sacudindo. Sage fechou a cara.

— Você nunca bate na porta?

Hannah a ignorou.

— É verdade, mãe? Sage vai para a casamenteira? A *alta* casamenteira?

Tia Braelaura colocou o braço em volta da cintura da sobrinha como se quisesse impedi-la de sair correndo.

— Sim, vai.

Sage continuou olhando feio para a prima.

— Você tem algo de importante para dizer?

Hannah apontou para trás.

— A costureira está aqui.

Sage suou frio. Mas já?

Hannah voltou os olhos azuis arregalados para ela.

— Você acha que vai ser escolhida para o Concordium?

— Rá! — riu Jonathan, que tinha treze anos e estava atrás de Hannah no corredor, carregando um baú. — *Isso* eu queria ver.

Sage estava passando mal. Quando seria a entrevista? Ela havia interrompido tio William antes que ele falasse. Braelaura começou a guiá-la para a porta, onde Hannah balançava de um lado para o outro.

— Ela está ajeitando as coisas na sala de aula.

— Quando vai ser? — Sage conseguiu perguntar.

— Amanhã, querida — disse Braelaura. — À tarde.

— *Amanhã*? Mas como é possível fazer um vestido novo até lá?

— A srta. Tailor vai ajustar algo que já tiver. Estará pronto pela manhã.

Sage se deixou guiar pelo corredor e parou aturdida enquanto Braelaura afrouxava os cordões do corpete o suficiente para que

Sage o tirasse. A sala escureceu de repente e Sage pensou por um segundo que estava desmaiando, mas eram só Hannah e Aster fechando as cortinas. Quando acabaram, Aster sentou numa cadeira no canto, visivelmente torcendo que ninguém a notasse e pudesse ficar. Hannah dançou de um lado para o outro, tagarelando sobre como mal podia esperar para sua própria entrevista e perguntando para a mãe se o pai deixaria que ela fosse avaliada aos quinze, mesmo só podendo se casar no ano seguinte.

A prima achava que Sage tinha chances de entrar para o Concordium, mas a garota não tinha a mesma ilusão. O principal trabalho da alta casamenteira era selecionar as melhores da região para a conferência realizada uma vez a cada cinco anos, mas ela não desejaria entrar nem se fosse bonita ou rica o suficiente para ser considerada. Não tinha a menor vontade de ser guiada pelo país até Tenebol e praticamente leiloadada como uma cabeça de gado premiada. Hannah, por outro lado, fantasiava com isso, assim como todas as garotas de Demora.

Braelaura tirou o vestido de Sage. A roupa era uma das muitas que ela odiava. Era tão estranhamente injusto ter tantas coisas que não queria. A maioria das meninas mataria só para ser avaliada por uma alta casamenteira.

A srta. Tailor estava revirando uma cesta sobre a mesa, mas parou por tempo suficiente para apontar para um banquinho.

— Suba — ela ordenou. — Não temos tempo a perder.

Braelaura ajudou Sage a subir e a equilibrou quando o banquinho balançou sob pés. Ela resistiu a uma tontura que nada tinha a ver com o desequilíbrio.

— Tire a camisola — disse a costureira por cima do ombro. Sage se encolheu de vergonha, tirou a roupa de baixo e a entregou para a tia. Normalmente, uma prova de roupa não exigia nudez completa, só um barbante com nós para tirar medidas por cima da

camisola. Ela cruzou os braços diante da faixa no peito e estremeceu, grata pela janela coberta que a protegia da brisa e dos olhares.

A srta. Tailor deu a volta e franziu a testa diante das roupas de baixo de Sage. O calção de linho masculino foi a única coisa que Braelaura deixou Sage continuar usando quando a obrigaram a usar apenas vestidos. Era muito mais confortável do que o que as mulheres costumavam usar, e normalmente ninguém o via mesmo.

A costureira mordeu o lábio e observou Sage de vários ângulos com os olhos estreitados.

— Magreza é o maior defeito dela — ela murmurou. — Vamos precisar de uns enchimentos, principalmente em cima.

Sage revirou os olhos enquanto imaginava todo o acolchoamento e todas as pregas de que precisaria para disfarçar seus seios pequenos. Fazia muito tempo que Braelaura tinha desistido de colocar rendas e laços nos vestidos dela. Eles sempre tinham encontros catastróficos com tesouras quando ninguém estava vendo.

Dedos frios beliscaram sua cintura.

— Boa curva aqui e quadris excelentes, de parideira. Podemos destacar isso.

Sage se sentiu como a égua que seu tio havia comprado no mês anterior. *Tendões fortes são sinal de uma ótima procriadora*, o vendedor de cavalos havia dito, dando um tapa no flanco da égua. *Esta daqui vai poder ser montada por mais uns dez anos.*

A costureira ergueu o braço de Sage para examiná-lo sob a luz.

— Pele naturalmente clara, mas sardas demais.

Braelaura concordou com a cabeça.

— O cozinheiro já está preparando uma loção de limão para elas.

— Passe generosamente. E todas essas *cicatrices* nos seus braços, garota?

Sage suspirou. A maioria era tão antiga e pequena que só poderia ser vista se a pessoa soubesse o que procurar.

— O pai dela morava na floresta — Braelaura lembrou a costureira. — Ela passava muito tempo ao ar livre antes de vir morar conosco.

A srta. Tailor apontou o dedo esquelético para um longo arranhão vermelho.

— Algumas são novas. O que você anda fazendo, trepando em árvores? — Sage deu de ombros e a mulher soltou seu braço. — Eu não deveria reclamar — ela disse, seca. — Foram os consertos das suas roupas que me sustentaram por anos.

— Fico feliz em ajudar — Sage redarguiu, um pouco irritada. A raiva era mais confortável que o medo.

A costureira a ignorou e esfregou o fio solto da trança de Sage entre os dedos.

— Nem castanho nem loiro — resmungou. — Não sei que cor usar para combinar com isso. — Ela olhou para Braelaura. — O que planeja fazer com ele para a avaliação?

— Ainda não decidi — a mulher respondeu. — Quando prendemos para trás, ele sempre escapa. Fica bem ondulado, apesar de fino.

— Hummm. — A costureira puxou o queixo de Sage para baixo para olhar em seus olhos, e a garota resistiu ao impulso de morder os dedos dela. — Cinza... Talvez azul dê um pouco de cor aos olhos. — Ela soltou. — Argh! Essas sardas.

Aster inclinou a cabeça, confusa. Sempre tinha invejado aquelas sardas. Quando tinha três anos, Sage a pegou tentando imitá-las com tinta.

— Azul, então — a srta. Tailor disse, chamando a atenção de Sage de volta para si, embora novamente estivesse se dirigindo a Braelaura. Começou a revirar o enorme baú ao lado. — Tenho algo que vai servir, mas vou ter que passar a noite toda ajustando para caber nela.

A costureira ergueu uma massa de tecido e o desdobrou, revelando uma monstruosidade azul-violeta que Sage nem conseguia se imaginar usando. Bordados de ouro — que sem dúvida dariam coceira — rodeavam as mangas compridas e o corpete. O decote baixo tinha a gola drapeada, que provavelmente seria ainda mais ornamentada para criar volume.

— Fica abaixo dos ombros — a srta. Tailor disse enquanto Brae-laura e Hannah suspiravam. — Os dela são bem bonitos; precisam ser mostrados. Mas para isso vai ter que tirar a faixa dos seios.

Sage bufou. Ela mal precisava de uma mesmo.